

Dicionário Multilíngüe de Nomes de Países, Exônimos e Gentílicos

Ana Goulart Bustamante

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE
anagoulart@ibge.gov.br

Márcia de Almeida Mathias

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE
almeidamathias@ibge.gov.br

Raquel Abi-Sâmara

Tradutora de alemão e inglês
raquel.samara@uol.com.br

Abstract

Como traduzir nomes de países, cidades e gentílicos sem correr o risco de se referir, na língua de chegada, a lugares e identidades diferentes dos mencionados na língua de partida? A busca da correspondência mais precisa entre palavras de dois idiomas é uma das tarefas do tradutor, que no Brasil ainda não conta com um dicionário de nomes de países e gentílicos, com variantes lingüísticas, especificidades da pronúncia, datação e localização geográfica, com possibilidade de consulta em diversos idiomas.

Palavras-chave: ferramentas de tradução, nomes de países, gentílicos.

A tradução técnica e os nomes geográficos

A tradução técnica exige cada vez mais e em ritmo sempre mais acelerado ferramentas de trabalho que solucionem problemas novos relacionados à terminologia de novos campos de conhecimento que surgem a cada dia. Conceitos científicos recém-criados precisam ser divulgados de imediato na mídia internacional, o que exige do tradutor não apenas o levantamento de termos técnicos correspondentes como até mesmo a criação desses termos na língua-alvo – e isso certamente implica pesquisa e bons conhecimentos de etimologia e morfologia (Britto, 1996, p. 475). A rápida transformação tecnológica exige, portanto, do tradutor técnico, a atualização permanente de suas ferramentas de trabalho, que vão desde glossários e vocabulários até dicionários multimídia e *on-line*, solução recomendada em casos em que as alterações ocorrem mais rapidamente, como por exemplo na área da informática ou da biotecnologia. As alterações freqüentes caracterizam também os nomes geográficos, que se renovam ou se mantêm ao longo do tempo, numa dinâmica que envolve linguagem, política territorial e identidade (Santos, 2006).

Imaginemos a seguinte situação: ao verter um texto do francês para o português, o tradutor depara com o topônimo Côte d'Ivoire. Se seus conhecimentos em relações

internacionais não estiverem atualizados, muito provavelmente poderá incorrer no engano de traduzir o nome literal e automaticamente por Costa do Marfim, pois acima de tudo trata-se de sonoridade bastante familiar para a língua portuguesa. Há alguns anos, entretanto, "a antiga (e secular) Costa do Marfim decidiu solicitar que fosse chamada, em qualquer língua, de Côte d'Ivoire. Pedidos dessa natureza são irrecusáveis pelas regras da diplomacia" (Coutinho, 1999, p. 11). Semelhante caso poderia acontecer com texto em que aparecesse o nome Cameroun, que não aceita mais a conhecida denominação portuguesa "Camarão" (ou "Camarões"), e recentemente também solicitou ser chamado, em todas as línguas, de Cameroun. É comum o caso de países recém-independentes que repudiam e reescrevem a toponímia colonial: "Rodésia transforma-se em Zimbábue. Alto Volta em Burkina Faso. Acabado o regime stalinista, Stalingrado passa a Volgogrado. Superado o comunismo, vão-se os velhos ícones, e Leningrado, sucessora de Petrogrado, volta a São Petersburgo. A soviética Vilna transforma-se na lituana Vilnius. Restaurada a democracia, varre-se do mapa o 'entulho autoritário toponímico'" (Coutinho, 1999, p. 11).

Como traduzir nomes de países, cidades e gentílicos sem cometer esses tipos de deslizes relacionados à política territorial e sem correr o risco de se referir, na língua de chegada, a lugares e identidades diferentes dos mencionados na língua de partida? Como lidar com complexas questões que surgem no idioma português por causa de alterações toponímicas como por exemplo a de Côte d'Ivoire? Ou seja, além da dificuldade de pronúncia imposta aos falantes do português, como tratar o gentílico "marfiniano/marfiniana" referente à antiga Costa do Marfim e já consolidado em nosso idioma? Onde pesquisar nomes em desuso – e de inegável valor histórico – como os usados por Camões em *Os Lusíadas*: Nobá, Quilmance, Maçua, Çuaquem, Taprobana (atual Sri Lanka), para citar somente alguns?

Essas e outras questões nortearam o desenvolvimento do projeto multimídia denominado *Dicionário multilíngüe de nomes de países, exônimos e gentílicos*, ferramenta que se torna cada vez mais necessária ao tradutor no atual panorama das relações políticas e comerciais em nível internacional e de uma rede mundial de comunicação que atua praticamente em tempo real. Além dos nomes de países, exônimos e gentílicos, o dicionário propõe-se a coligir variantes lingüísticas, variação de gênero e de número dos gentílicos, elementos de composição, especificidades do uso e da pronúncia, datação e localização geográfica, com possibilidade de consulta em diversos idiomas. Este projeto envolve, no entanto, a formação de uma rede de decisão no campo de nomes de países e exônimos em língua portuguesa, a fim de gerar uma publicação autorizada pelos principais órgãos envolvidos.

O dicionário será apresentado aqui em seu estágio atual de desenvolvimento: as tabelas com nomes de países que compõem o módulo inicial, trilingüe (português, inglês, espanhol). O conjunto de dados configura a primeira iniciativa desse tipo no Brasil. Tomamos como ponto de partida para a realização desse primeiro módulo a lista de nomes de países elaborada pelo Ministério das Relações Exteriores (MRE), por se tratar de uma publicação oficial que acompanha grande parte das negociações internacionais. Em muitos países, entretanto, a lista de países só é considerada oficial quando emitida por uma comissão legalmente autorizada a arbitrar sobre ela.

A tarefa mais difícil na elaboração do dicionário multilíngüe não é traduzir os nomes estrangeiros, mas encontrar a forma recomendável em português. Será produzida inicialmente uma lista com recomendações exclusivamente firmadas na lingüística para ser submetida ao crivo político-ideológico. O processo de aprovação das listas posteriores pode vir a incluir a realização de um evento pelo Ministério das Relações Exteriores, com duração de um dia, quando vai ser discutida e aprovada a nova lista. Os órgãos convidados para o evento são: Academia Brasileira de Letras, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a Pós-Graduação de Letras da Universidade de São Paulo (USP), o Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, entre outros. Ao finalizar essa primeira etapa do projeto, pretendemos publicá-la e manter sua atualização periódica, que

poderá ser feita com frequência maior em versão eletrônica. Lembremos que a permanente transformação do cenário mundial exige atualização regular da lista dos nomes geográficos. Essa tabela é o embrião da obra multimídia e multilíngüe que vai ser construída com a ajuda das conferências da Organização das Nações Unidas (ONU) e sessões de peritos em nomes geográficos.

Uma vez criada, a Divisão de Língua Portuguesa no Grupo de Peritos da ONU em Nomes Geográficos pode se tornar a semente de uma comissão de representantes de países lusofônicos para padronização de nomes geográficos. Mesmo com a comunidade lusófona desunida em outras questões ortográficas, a Divisão de Língua Portuguesa poderia dar solução para o problema internacional. A lista produzida precisaria ter a mesma ressalva encontrada nas listas divulgadas pela ONU, destacando que a menção na obra não significa reconhecimento do país ou qualquer outra atitude oficial com relação a territórios em litígio.

É conhecido o problema da falta de entendimento entre países lusófonos sobre uma possível uniformização de grafias, mas talvez se possa atingir um nível razoável de sucesso pelos caminhos diplomáticos somados a uma rede de discussão brasileira exclusivamente sobre padronização de nomes geográficos.

Tabela de nomes de países

O primeiro módulo do *Dicionário multilíngüe de nomes de países, exônimos e gentílicos*, como se disse anteriormente, teve como ponto de partida a lista alfabética de países do *Manual de redação e estilo do Itamaraty* (Ministério das Relações Exteriores, 2004, p.34-47). Os nomes em espanhol e inglês provêm de uma lista divulgada em 2006 pela Espanha, por meio do Grupo de Trabalho em Nomes de Países do Grupo de Peritos das Nações Unidas em Nomes Geográficos. A tabela inicial, exemplificada abaixo, traz, por sua vez, três colunas de informações utilizadas pela ONU (nome do país em inglês e nome do país em espanhol – do modo como são usados na língua corrente da ONU, não correspondendo necessariamente aos nomes oficiais), além de seis outras colunas com os seguintes dados em língua portuguesa do Brasil: nome do país em seu uso cotidiano (acompanhado do artigo, quando usado), nome oficial do país, gentílico nacional, variação de gênero do gentílico, variantes do gentílico e suas respectivas variações de gênero, elementos de composição (inclusive variantes em uso):

ISO	Inglês (ONU)	Espanhol (ONU)	Português (Brasil)	Nome oficial em português (Brasil)	Gentílico (usado no Brasil)	Gentílico (variação de gênero)	Gentílico (variantes e variação de gênero)	Elemento de composição
PT	Portugal	Portugal	Portugal	República Portuguesa	português	portuguesa	lusitano, luso, lusíada/lusitana, lusa	luso-
QA	Qatar	Qatar	Catar	Estado de Catar	catari		catariano, catarense/catariana	catariano-
RO	Romania	Rumania	Romênia, a	Romênia	romeno	romena	valáquio/váláquia	romeno-
RU	Russian Federation	Rusia, la Federación de	Rússia, a	Federação da Rússia	russo	rusa		russo-

Figura 1 – Tabela inicial do Dicionário multilíngüe de nomes de países, gentílicos e elementos de composição. Fontes: MRE e ONU. Obs.: Os nomes em azul provêm de fonte complementar (*Dicionário Houaiss de língua portuguesa*). A última coluna (elementos de composição) ficará sobre a responsabilidade da equipe do Instituto Antônio Houaiss.

Consideramos importante aqui a indicação do uso de artigo nos casos específicos de nomes de países, com gênero, número e eventuais comentários relativos à concordância. No atual estágio da tabela, estamos inserindo nova coluna com o plural do gentílico e também asterisco* para indicar a existência de informação complementar sobre o vocábulo, como histórias exemplares e etimologias de especial interesse, comentadas em seção à parte, ordenada em capítulos ou verbetes, como se pode observar abaixo:

Português (Brasil)	Nome oficial em português (Brasil)	Gentílico (usado no Brasil)	Gentílico (variação de gênero)	Gentílico (plural)	Gentílico (variantes e variação de gênero)	Elemento de composição
Alemanha	República Federal da Alemanha	alemão*	alemã	alemães (m.pl.); alemãs (f.pl.); alemães (pl.)	germânico, teutônico, teutão, teuto, têutone / germânica, teutônica	germano-, teuto-, alemano-

Figura 2 – Etapa atual de desenvolvimento do *Dicionário de nomes de países, gentílicos e elementos de composição*, quando estão sendo indicados os verbetes que podem conter informações complementares, indicadas por asterisco ou colunas suplementares, como o plural dos gentílicos).

A inserção do gentílico em sua(s) forma(s) plural(ais) mostrou-se relevante nesta ferramenta tradutológica pelo fato de preencher uma lacuna muitas vezes existente nos melhores dicionários da língua portuguesa. Grande parte dos falantes de português no Brasil apresenta dúvidas com relação ao plural do gentílico "alemão", por exemplo, e nem sempre consegue fontes de pesquisa que possam resolvê-las apropriadamente.

O asterisco, por sua vez, indica a inserção de informações complementares. A título de exemplo, vejamos o que traz o sinal gráfico adicionado ao vocábulo "alemão":

**alemão*: No Brasil, a palavra é usada por parte da população, especialmente no estado do Rio de Janeiro, como gíria que significa "policia" (Fonte: em levantamento). Provavelmente com essa acepção, o vocábulo tornou-se nome geográfico, no caso do "Morro do Alemão" (e "Complexo do Alemão"), conhecida comunidade carioca.

Topônimos, exônimos e memória cultural

Discussões pertinentes à tradução e à padronização de nomes geográficos são extremamente relevantes para as relações internacionais, o que se comprova na própria realização, pela ONU, desde a década de 1960, da Conferência das Nações Unidas sobre Padronização de Nomes Geográficos, a cada cinco anos. Junto com o Grupo de Peritos das Nações Unidas em Nomes Geográficos, as conferências têm produzido recomendações expressas em resoluções, entre as quais as que uniformizam a transliteração entre os vários alfabetos usados no mundo e as que advertem quanto às perdas decorrentes de alterações desnecessárias de nomes de lugares.

Os escritores clássicos da língua portuguesa ¹ já mencionavam as alterações de antigos topônimos portugueses, como é o caso da seguinte passagem de *Os Lusíadas*:

¹ "Do ponto de vista histórico, a língua portuguesa, vale destacar, foi a primeira a enfrentar o convívio com a toponímia em escala global. Em tal matéria, era mesmo o idioma dominante em várias partes da África e da Ásia, conforme o testemunho eloquente dos principais cartógrafos dos séculos XVI e XVII. Símbolos visíveis da língua como 'companheira do império', todos os antigos topônimos portugueses passaram dos mapas e roteiros dos navegadores para livros clássicos da língua, como as *Décadas da Ásia* (João de Barros), *Os*

"corre a costa célebre indiana / Pera o Sul, até o Cabo Comori, / Já chamado Cori, que Taprobana / (que ora é Ceilão) defronte tem de si". O escritor não se espantaria ao saber que Comori hoje é Comorin e que o Ceilão tem hoje o nome oficial de Sri Lanka. "O próprio Camões, que escreveu 'mudam-se os tempos, mudam-se as vontades', poderia ter acrescentado 'e mudam-se os topônimos' " (Coutinho, 1999, p. 13).

A padronização dos nomes geográficos preconizada pela ONU repousa sobre dois princípios. O primeiro é a preferência pela univocidade, ou seja, para cada lugar, um só nome, para cada nome, um só lugar. Outro princípio básico e definidor da padronização é a recomendação aos países que mantenham uma comissão nacional de nomes geográficos para arbitrar em casos de litígios territoriais e grafia dentro e fora do país.

O ideal de univocidade é perseguido pelas Nações Unidas desde as primeiras conferências de padronização de nomes geográficos, que vêm aprovando várias resoluções para reduzir a quantidade de exônimos, mas, a despeito disso, seu número é cada vez maior. O exônimo é definido no glossário de terminologia para padronização de nomes geográficos aprovado pelo Grupo de Peritos em Nomes Geográficos (ONU, 2002) como o nome próprio usado num idioma para designar um acidente geográfico situado fora da área onde aquele idioma tem caráter oficial. Como exemplos, são citados os casos de Warsaw, exônimo inglês de Warszawa, Londres, o espanhol [e o português] de London, Mailand, o alemão de Milano. O *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* inclui, na segunda edição, os vocábulos exônimo e endônimo, como a seguir:

endônimo *s.m.* (sXX) nome geográfico estrangeiro que obedece à grafia original do país de origem (p.ex., Buenos Aires) **F** cf. *exônimo* ▣ ETIM *end(o)-* + *-ônimo*

exônimo *s.m.* (sXX) nome geográfico estrangeiro escrito de forma diversa da grafia original do país de origem (p.ex., Genebra/Genève) **F** cf. *endônimo* ▣ ETIM ¹*exo-* + *-ônimo*

A padronização dos nomes geográficos preconizada pela ONU busca preservar a univocidade dos nomes sincrônica e diacronicamente. Por isso, além de desestimular o uso de homônimos e variantes ortográficas numa mesma época, também procura reduzir o impacto das variantes históricas. Por exemplo, no caso de Côte d'Ivoire, citado anteriormente, o nome atual do país poderia vir seguido, entre parênteses, do nome anterior e já consolidado em língua portuguesa: Côte d'Ivoire (Costa do Marfim), para efeitos de redução desse impacto. Resoluções desestimulam as trocas constantes de nomes de países e municípios, que destroem a univocidade dos nomes ao longo do tempo e invadem o terreno da tradição. O recurso à datação deveria ser restrito aos casos extremos e, ainda assim, a grandes intervalos de tempo. A autoridade nacional daria a última palavra em casos de alterações de nomes tradicionais.

Diante do ideal de univocidade, os exônimos foram sempre considerados indesejáveis, mas pesa em favor de sua preservação o fato de serem nomes tradicionais e, desse modo, incorporados à língua. Consagrados pelo uso coletivo, são pouco propensos a se sujeitarem a decisões superiores e não se submetem a qualquer determinação, a não ser quando imposta pelo uso. Por isso, como admite resolução da última conferência, em 2002, que recapitula resoluções anteriores, apesar dos esforços para restringir o uso de exônimos, verifica-se tendência contrária, com o crescimento de sua quantidade (resolução 4). Cientes dessa realidade, ao propor a criação, para o público brasileiro, de um dicionário multilíngüe de nomes de países, exônimos e gentílicos em português, passível de ter sua base de dados aproveitada em ferramentas automatizadas de tradução, estamos implicitamente admitindo que esse imenso acervo de palavras ainda deve resistir por mais um tempo aos esforços de padronização apoiada exclusivamente no ideal de univocidade.

Lusíadas (Luís de Camões) e a *Peregrinação* (Fernão Mendes Pinto). Nessas três obras, mais de mil topônimos diferentes são usados para referenciar geograficamente as conquistas e os feitos do 'peito ilustre lusitano'" (Coutinho, 1999, p. 12).

Lisboa, Lisbon ou Lissabon

*Outra vez te revejo,
Com o coração mais longínquo, a alma menos minha.*

Álvaro de Campos, 1923

O grande poeta português Fernando Pessoa, que como nenhum outro soube expressar a alma de nosso tempo, escreveu dois poemas para sua Lisboa natal, em português, no entanto ambos sob o título, em inglês, "*Lisbon revisited*" (1923 e 1926). Um breve retrospecto da biografia de Fernando Pessoa (1888-1935) talvez ajude a compreender a razão de usar o título em inglês e o exônimo inglês de Lisboa, pois o poeta viveu dos sete aos dezessete anos na África do Sul, onde foi alfabetizado em inglês. A morte do pai, quando Pessoa tinha apenas cinco anos de idade, e o casamento da mãe, dois anos depois, com o cônsul de Portugal em Durban, na África do Sul, determinaram esse destino. Somente em 1905, o poeta retornou a Lisboa, para fazer o curso superior de Letras.

Quando os poemas dedicados à Lisboa de sua primeira infância vieram a público, portanto, o poeta já retornara há tempos à cidade natal, onde publicava versos tanto em português quanto em inglês, ou ainda, como no caso, em português e inglês. A qualidade da expressão poética nessas duas línguas é uma das interessantes dualidades encontradas na obra e na personalidade do poeta, que se comparava à íbis, ave sempre pousada num pé só. O sentimento de meio-exílio que experimentou na África do Sul e depois em sua própria terra lhe inspirou o nome da primeira empresa gráfica que tentou estabelecer: Empresa Íbis – Tipografia Editora – Oficinas a vapor. O poeta se sente estrangeiro – com um pé só no solo – na África e estrangeiro também em sua terra, Lisboa, que homenageou nos dois poemas de título em inglês e também no nome escolhido para outra empresa editora sua, Olisipo (o nome Lisboa é derivado etimologicamente de Olisippo, em latim), pela qual publicou, em 1921, seus *English Poems I & II* e *English Poems III*, além das *Canções* de Antônio Boto, editadas no ano seguinte. Os dois poemas intitulados *Lisbon revisited* foram publicados com três anos de defasagem na revista *Contemporânea*, ambos com a assinatura de Álvaro de Campos, um dos mais conhecidos heterônimos de Pessoa. Marca inconfundível da obra de Fernando Pessoa, a heteronímia do poeta português muitas vezes foi entendida como expressão do desdobramento ou da fragmentação experimentada pelo sujeito poético, outras vezes pelo próprio sujeito contemporâneo. Pessoa refere-se freqüentemente a esse "escapar de si" do artista em poemas como o que se segue, coligido entre os inéditos.

Sou um evadido.
Logo que nasci
Fecharam-me em mim,
Ah, mas eu fugi.

Se a gente se cansa
Do mesmo lugar,
Do mesmo ser
Por que não se cansar?

Minha alma procura-me
Mas eu ando a monte
Oxalá que ela
Nunca me encontre.

Ser um é cadeia,
Ser eu é não ser.
Viverei fugindo

Mas vivo a valer. (1931)

Deleuze e Guattari (2000) afirmam que a arte, a ciência e a filosofia "traçam planos sobre o caos" (p. 260). O artista, como o cientista e o filósofo, mergulha no caos e depois retorna, como quem volta do mundo dos mortos. Desse mergulho no plano de imanência, o filósofo traz *variações*, que representam o conceito; o cientista traz *variáveis*, que entram em relações determináveis pela função, e o artista, *variedades*, que erigem um ser da sensação. Os autores explicam ainda que, quando a primeira pessoa consegue chegar a esse ponto, da auto-posição, se transforma em terceira pessoa. Esta seria a função dos heterônimos em Fernando Pessoa.

Além de Álvaro de Campos, são muito conhecidos também os heterônimos Ricardo Reis, que chegou a ter a morte declarada mas encontram-se poemas seus de data posterior, e Alberto Caeiro, de "O guardador de rebanhos". Outro heterônimo, Bernardo Soares, deixou escrita uma frase que se tornou conhecida: "Minha pátria é a língua portuguesa" (Soares, 1982, p. 42). Por que, em aparente contradição com essa frase, o poeta usa o exônimo inglês, *Lisbon*, para se referir à Lisboa de sua infância revisitada?

Com os dados biográficos de que dispomos, sabemos que o poeta já retornara havia dezoito anos do período africano na data de publicação do primeiro "*Lisbon revisited*". O poema de 1923 é uma irada resposta a conterrâneos que o querem sob controle: "Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável? / Queriam-me o contrário disto, o contrário de qualquer coisa?" Uma estrofe, no entanto, se destaca das demais porque nela o poeta não se dirige a eles, mas a Lisboa, ao céu de sua infância, ao conhecido rio Tejo, com profundo estranhamento.

Ó céu azul – o mesmo da minha infância –
Eterna verdade vazia e perfeita!
Ó macio Tejo ancestral e mudo,
Pequena verdade onde o céu se reflete!
Ó mágoa revisitada, Lisboa de outrora de hoje!
Nada me dais, nada me tirais, nada sois que eu me sinta. (1923)

No segundo "*Lisbon revisited*", de 1926, o poeta parece mais conformado, mas mantém o amargor do sentir-se estrangeiro que justifica o título. Ao repetir o título, com o nome de Lisboa novamente em inglês, evoca e "revisita" o primeiro poema, como se desejasse continuar a conversa unilateral com Lisboa. Desta vez, no entanto, a evocação de Lisboa não está presente em apenas uma, mas cinco das dez estrofes do poema:

Outra vez te revejo – Lisboa e Tejo e tudo – , [...]
Estrangeiro aqui como em toda a parte. [...]

Outra vez te revejo,
Mas, ai, a mim não me revejo!
Partiu-se o espelho mágico em que me revia idêntico,
E em cada fragmento fatídico vejo só um bocado de mim –
Um bocado de ti e de mim! ... (1926)

A experiência de fragmentação do sujeito se explicita no confronto com a identidade portuguesa reencontrada como passado e, no entanto, irreconhecível no presente, ainda que revisitada. Ao lugar idealizado – mais que Lisboa, Lisbon – jamais conseguirá retornar o poeta, permanente viajante, num exílio inapelável.

Além dos dados biográficos, o próprio texto dos poemas oferece algumas respostas para a preferência pelo exônimo inglês *Lisbon* – e sua repetição nos títulos. Em ambos os poemas, o artista fala com Lisboa em português, e é somente no título que se anuncia como estrangeiro, em inglês, afastando-se o suficiente para em inglês visitar o lugar. Quem visita – ou revisita – não pertence (mais) a um lugar. Nesse sentido, tanto a escolha das

palavras quanto a escolha do idioma dão ao título o efeito desejado, de estranhamento em relação ao já conhecido.

Como já vimos, o poeta português Fernando Pessoa se desdobrou em muitos heterônimos e, desse modo, conseguiu representar uma multiplicidade de identidades tão característica da experiência humana no século XX. Para transformar-se no ser de sensação descrito por Deleuze e Guattari (2000), para deslocar-se para a terceira pessoa que, nesse caso, se expressa pelos heterônimos, o poeta se utiliza dos recursos que lhe oferece a língua – muito além da língua portuguesa.

Assim, depois de mostrar que os exônimos são um "problema" de padronização, esperamos ter mostrado também o quanto se revestem de potencial expressivo, a partir do exemplo fornecido por Fernando Pessoa. Muitos outros poemas e autores, no entanto, poderiam ser arrolados para demonstrar a importância de incluir neste dicionário também as cidades e regiões de menção freqüente no Brasil com seus equivalentes nos vários idiomas e, na tabela inicial, em inglês, espanhol e alemão. Espera-se ter reconhecida sua utilidade, ao menos para a literatura.

Português (Brasil)	Gentílico em português	Inglês (ONU)	Gentílico em inglês	Espanhol (ONU)	Gentílico em espanhol	Alemão	Gentílico em alemão
Lisboa (Portugal)	lisbonense, olisiponense	Lisbon (Portugal)		Lisboa (Portugal)		Lissabon (Portugal)	Lissabonner/ Lissabonnerin
Londres	londrino	London	londoner	Londres		London	Londoner/ Londonerin
Pequim (Beijing)	pequinês	Peking	Pekingese, Pekinese			Peking	Pekiner/ Pekinerin

Fontes: *Dicionário Houaiss*, 2001; *Webster's Encyclopedic Unabridged Dictionary of the English Language*, 1989; *Langenscheidts Taschenwörterbuch Portugiesisch*, 2001.

Voltando ao poeta de Lisboa, o exemplo de Fernando Pessoa demonstra mais uma vez que a língua atesta filiação a uma sociedade particular e em suas palavras estão cristalizados conceitos que ressoam a história coletiva (Elias, 1994). Houaiss (1981) destaca: "Os topônimos existem para nós muito mais como entidades visuais do que fônicas, são sobretudo grafemas" (p. 61). Segundo assegura o autor: "Para nós, elas não são pronunciadas, são vividas visualmente, o código é transmitido por escrito (p. 62)". Isto dá segurança ao autor para afirmar que, da toponímia universal, a grande maioria não constitui problema, ou seja, segue-se a grafia original. Com isso, completa, o problema para o editor ou o tradutor consiste em palavras que estão na ordem do dia em razão de algum acontecimento que volta a atenção de todos para lá. Quando têm vida oral limitada, terminado o evento que atrai a atenção, essas palavras retornam à condição de grafemas.

Também Elias (1994) se refere a esse fenômeno, quando lembra que palavras (entre as quais incluímos os exônimos, pois são igualmente consagrados pelo uso) se transmitem de geração a geração enquanto retiverem "um valor existencial, uma função na existência concreta da sociedade" (p. 26). Diz o autor:

Os termos morrem aos poucos, quando as funções e experiências na vida concreta da sociedade deixam de se vincular a eles. Em outras ocasiões, eles apenas adormecem, ou o fazem em certos aspectos, e adquirem um novo valor existencial com uma nova situação. São lembrados então porque alguma coisa no estado presente da sociedade encontra expressão na cristalização do passado corporificada nas palavras (Elias, 1994, p. 26-27).

Agradecimentos

A Mauro Villar e Francisco de Mello Franco, do Instituto Antônio Houaiss, à professora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo (USP), ao professor Paulo Menezes, do Laboratório de Cartografia e Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), aos engenheiros cartógrafos Moema José de Carvalho Augusto, Cláudio João Barreto dos Santos e Paulo da Silva Santos, da Coordenação de Cartografia do IBGE.

Referências

- [1] Britto, Paulo Henriques, "Entrevista com o tradutor Paulo Henriques Britto", *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, n. 2, 1996, p. 467-478.
- [2] Camões, Luís de, *Os Lusíadas*.
- [3] Coutinho, Roberto Pires, *Normalização dos nomes geográficos estrangeiros na língua portuguesa – Aspectos políticos e diplomáticos – Uma proposta de ação do Itamaraty, Ministério das Relações Exteriores (MRE)*, 1999.
- [4] Deleuze, Gilles; Guattari, Félix, *O que é a filosofia?*, Editora 34, Rio de Janeiro, 1992.
- [5] *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, Objetiva, Rio de Janeiro, 2001.
- [6] Elias, Norbert, *O processo civilizador*, Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1994, vol. 1, p. 23-27.
- [7] Magalhães, Aluísio; Houaiss, Antonio; Silva, Benedito, *Edição hoje*, FGV, Rio de Janeiro, 1975.
- [8] *Manual de redação e estilo do Itamaraty*, Ministério das Relações Exteriores (MRE), 2004, p. 34-47.
- [9] *Langenscheidts Taschenwörterbuch Portugiesisch*, Langenscheidt KG, Berlin e Munique, 2001.
- [10] Pessoa, Fernando, *Obra poética*, Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1990.
- [11] Santos, Cláudio João Barreto dos, Projeto de tese de doutorado, qualificação oral apresentada em 2005 na UFRJ: *Geonímia fluminense*.
- [12] Soares, Bernardo, *Livro do desassossego*, Editorial Comunicação, Lisboa, 1986.
- [13] Wahrig, Gerhard, *Wahrig Deutsches Wörterbuch*, Bertelsmann Lexikon Verlag, Gütersloch e Munique, 1993.
- [14] Webster's Encyclopedic Unabridged Dictionary of the English Language, Random House, New York, 1996.

NOTAS BIOGRÁFICAS



Ana Goulart Bustamante, jornalista graduada pela Universidade Federal Fluminense (UFF), fez mestrado em Letras (1999) na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (2005) na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Tem 44 anos de idade e já atuou como editora, redatora e tradutora no jornal *O Globo* e na Encyclopaedia Britannica do Brasil, além de chefiar o Setor de Comunicação Social da Fundação Petrobras de Seguridade Social – PETROS. Foi assistente da coordenação do Fórum Global 1992, evento da sociedade civil paralelo à Rio 92, e coordenadora de programas e publicações da Ashoka Empreendedores Sociais antes de ingressar no IBGE (2002), onde atuou como assessora de imprensa por dois anos, na Coordenação de Comunicação Social. Atualmente, é componente do Grupo de Trabalho em Nomes Geográficos do IBGE, responsável pela redação de projetos.



Márcia De Almeida Mathias, pós-graduada em Língua Portuguesa (1990) pela Faculdade de Filosofia de Campo Grande e graduada em Letras (1986, Português-Francês) pela Faculdade de Filosofia de Campo Grande, Rio de Janeiro RJ, tem 36 anos e atua desde 1987 na revisão ortográfica de topônimos dos projetos cartográficos executados no IBGE, entre os quais a Carta Internacional ao Milionésimo – CIM – do Brasil, mapas do Brasil em várias escalas, mapas estaduais e atlas geográficos, entre outros. Também atua desde 1989 na Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro, tendo exercido as funções de diretora escolar, coordenadora e orientadora pedagógica, coordenadora de turno e regente de turmas, nos níveis de ensino fundamental e médio. Participou do curso de nomes geográficos promovido pelo Instituto Pan-Americano de Geografia e História – IPGH em 1992, no Brasil, e é componente do Grupo de Trabalho em Nomes Geográficos do IBGE.



Raquel Abi-Sâmara é tradutora de literatura alemã e professora de poesia moderna. Traduziu, entre outros livros, *Hausto-Cristal*, do poeta Paul Celan, *Quem sou eu, quem és tu?*, do filósofo Hans-Georg Gadamer (EdUERJ, 2005), *Kadish por uma criança não nascida*, de Imre Kértesz (Prêmio Nobel em 2002. Imago Editora). Ministrou cursos de Literatura Brasileira e de Literatura Alemã na graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), cursos de Poesia Moderna na Pós-Graduação Lato Sensu em Literatura Brasileira da UERJ e na Estação das Letras (Rio de Janeiro), de 2002 a 2005. Tradutora de textos técnicos em alemão e inglês. Autora de ensaios sobre poesia e tradução em revistas acadêmicas no Brasil e na Alemanha. Doutora em Literatura Comparada pela UERJ, especializada em Germanística pela Albert-Ludwigs Universität Freiburg, Alemanha, mestre em Literatura Brasileira pela UERJ, graduada em Comunicação Social (Jornalismo).